

## Bioética

## Um Debate Inadiável na Medicina Veterinária

**Alberto Neves Costa**

Méd. Vet., CRMV-PE nº 0382, MSc., Ph.D.  
Conselheiro Efetivo do Conselho Federal de Medicina Veterinária e Acadêmico  
Fundador da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária.

E-mail: [albertoncosta@uol.com.br](mailto:albertoncosta@uol.com.br)

Ao argumentar sobre o tema em lide é imperioso considerar que a bioética, concebida sob a perspectiva de Van Potter, buscava exprimir uma ética abrangente (relacionada à vida, à natureza, às populações etc.), idealizada para estabelecer uma "ponte" entre as ciências biológicas e os valores inerentes ao ser humano, condição indispensável para uma coexistência global. Com isto ficou caracterizada a sua emergência num contexto interdisciplinar, com a convergência de saberes no campo das ciências biomédicas, filosóficas e jurídicas, com vistas a promover um questionamento acerca dos valores morais nas diferentes culturas e frente a visões problemáticas diversas, de forma a modificar a visão antropocêntrica reinante no mundo atual. Isto implica numa mudança de paradigma a permitir uma reflexão mais ampla no processo interativo entre o ser humano, as demais formas de vida (visão biocêntrica) e o sistema planetário (visão cosmoocêntrica).

É importante reconhecer que a ciência contemporânea vem contribuindo, efetivamente, para o desenvolvimento e a aplicação de técnicas de grande poder de manipulação de animais domésticos e silvestres, com ênfase nas áreas de biomedicina e de biotecnologia, para modelagem de doenças humanas, uso como biorreatores etc. Entretanto, preocupa-nos que muito pouca atenção venha sendo dispensada ao descompasso existente entre tais conquistas científicas e as pertinentes reflexões morais sobre os reais benefícios e riscos delas resultantes para a sociedade.

No ambiente profícuo da interdisciplinaridade, creio que compete a Medicina Veterinária, enquanto ciência aplicada à saúde e ao ambiente, seja na academia ou nos fóruns das entidades profissionais, promover uma reflexão crítica acerca destas questões tendo como escopo as ferramentas metodológicas disponibilizadas pela bioética. Tal preocupação se deve ao fato da Universidade ter priorizado um modelo de formação tecnicista e pragmático, ou seja, voltado para a aquisição de conhecimentos especializados e altamente dependentes de tecnologias modernas, que podemos exemplificar com a biotecnologia animal

(clonagem, transgenia, engenharia genética etc.), em detrimento de uma formação alicerçada em preceitos humanísticos, onde o futuro médico veterinário possa ser orientado para uma melhor compreensão dos sistemas de valores morais contemporâneos, secularizados e pluralistas, de forma a identificar e analisar conflitos éticos à luz de princípios morais sólidos, os quais são indispensáveis para a tomada de decisões coerentes durante o seu exercício profissional.

Infelizmente, graças à adoção de políticas educacionais equivocadas, estamos assistindo a massificação do ensino superior brasileiro, num contraponto indesejável às reais necessidades sociais do país. Tal cenário representa um grande desafio para aqueles docentes que buscam incutir na formação dos futuros profissionais, inclusive os médicos veterinários, a necessidade de exercitar uma conscientização pessoal acerca dos objetivos de vida, valores morais e preceitos éticos e legais, de forma que possam exercer a profissão com competência, dignidade e cidadania.

No âmbito da profissão médico-veterinária, algumas áreas de atuação profissional passam a exigir uma nova cultura ética; resgatamos aqui os exemplos da genética, da reprodução e da produção animal, todas permeadas pelo uso crescente de biotécnicas avançadas e que suscitam uma grande reflexão ética e mudança de paradigma na atuação dos especialistas, visto que nos dias atuais existe uma preocupação mundial com o bem-estar e a saúde dos animais usados no ensino, na pesquisa e na exploração pecuária. Neste último caso, deve-se enfatizar que a "tecnificação" dos sistemas produtivos visando o aumento da produtividade resultou em práticas de manejo coletivo, com alterações no ambiente criatório das diferentes espécies (confinamento, superlotação, ordenha mecânica etc.), ocasionando novas agressões à saúde e ao conforto dos animais, conseqüentemente, exigindo o uso de mais fármacos (vacinas, antibióticos, hormônios etc.) para evitar ou minimizar os efeitos indesejáveis, clinicamente diagnosticados através das "doenças de produção", e garantir a um custo elevado o desempenho dos animais de linhagens mais sensíveis. Um agravante neste quadro é que em tais sistemas as questões relacionadas com dor e estresse nos animais são negligenciadas. Ora, para as corporações da área biotecnológica-industrial que controlam a indústria animal (genética, fármacos, equipamentos etc.) as prioridades estão centradas no biopoder e na alta lucratividade. Em outras palavras, existe um



hiato no debate em torno das questões éticas ligadas aos animais de produção.

À luz desta ética social emergente, tais considerações ensejam alguns questionamentos que devem ser analisados no ambiente acadêmico e em outros segmentos da profissão. Visando uma análise reflexiva, indagamos: Que estratégias devem ser adotadas para se estabelecer uma "ponte" entre os paradigmas da biotecnociência e da bioética? Como manter o rigor ético e científico na avaliação dos riscos à saúde pública e ao meio ambiente, com o uso de novas tecnologias? Como compatibilizar os interesses econômicos da indústria animal com o direito dos animais à saúde e ao bem-estar? Como o médico veterinário deve lidar com os dilemas éticos decorrentes do sofrimento e mesmo do sacrifício de milhares de espécimes animais usados sistematicamente na experimentação biomédica, ainda que isso possa visar à melhoria da saúde humana? Quais as motivações e ferramentas pedagógicas a serem empregadas no ensino da bioética em Medicina Veterinária? Qual o papel político-profissional das entidades de classe na regulamentação do uso científico de animais no Brasil?

Bem, o debate está apenas começando e clama pela nossa participação como atores nesse processo de construção de uma bioética voltada aos interesses de seres sencientes que muito tem contribuído para o progresso da ciência e da humanidade. Em vista da nossa grande compreensão científica acerca de sua fisiologia e necessidades comportamentais, emocionais, sociais e ambientais, temos delegação de competência para zelarmos pela saúde e bem-estar dos animais domésticos e selvagens que compõe a rica fauna brasileira.